

resenha

Patricia Gonzaga Cesar

Unidos pela solidão em Paris



Como grande apreciadora da linguagem sensível recorrentemente utilizada em filmes franceses, deparei-me com um em que ocorre a sublimação desta característica. Após ler despreziosamente várias resenhas e críticas sobre o filme *Perdidos em Paris* decidi que era necessário assisti-lo. Descobri um filme leve e gracioso apesar de abordar sérias questões da implacável vida urbana. As resenhas não são capazes de refletir a linguagem corporal utilizada. Ao mesmo tempo em que é visceral, é simples e delicada. O filme foi apresentado no Brasil através do Festival Varilux de

Cinema Francês 2017, exibido em 55 cidades do Brasil, de 7 a 21 de junho do mesmo ano. Cremos que, devido à excepcional qualidade, ele será re-apresentado posteriormente no circuito comercial de cinema, com abrangência em um maior número de cidades brasileiras. Entendemos que no Brasil o cinema ainda é um dos veículos mais massificados e democráticos de divulgação de cultura e, exatamente por esse motivo, entendemos ser de fundamental importância divulgar e enaltecer filmes de maior profundidade do que os normalmente apresentados. O cinema, assim como a TV, podem ser usados

Patricia Gonzaga Cesar

é professora e pós-doutoranda em Engenharia e Gestão da Inovação pela Universidade Federal do ABC.

patricia.cesar@fgv.br

para proporcionar alienação da sociedade. Entretanto, entendemos ser essa uma escolha infeliz que a longo prazo mostrará seus efeitos nefastos em uma sociedade doente e autômata. Em contrapartida, essa arma poderosa contra o analfabetismo cultural pode ser usada como instrumento de acesso ao desconhecido, profunda reflexão e construção do conhecimento. Concluímos ser este o caso do filme objeto desta resenha.

Fiona Gordon e Dominique Abel contam com quarenta anos de carreira e várias obras bem-sucedidas em demonstrar a complexidade humana. Eles são diretores convidados do Festival Varilux e eles mesmos se encarregam de dar vida aos seus personagens: Fiona e Dom. O filme segue o estilo frequente visto em películas francesas, porém com delicadeza ainda maior. A linguagem corporal é explorada ao extremo em que brotam cenas lindíssimas sem nenhum artifício externo. O título do filme em francês remete aos pés descalços, e existem algumas cenas onde os pés são explorados de uma forma inusitada, inclusive em alongamentos e em verdadeiros *ballets*.

Adentrando-se no enredo, logo no início, a protagonista Fiona está em sua terra natal, em que sabemos ser algum lugar pequeno, remoto e gélido do Canadá pela linguagem figurativa e muito eficaz para passar essa sensação. Ela trabalha como bibliotecária em um local que aparenta ser uma repartição pública com mais duas pessoas. E embora seja demonstrado um companheirismo entre os três personagens, é nítida a sensação de solidão no local. A representação dessa cidade isolada e sob nevasca é perfeita. A todo o instante o filme nos dá a sensação de que é possível fazer muito com pouco. De que é possível aumentar as sensações no espectador se forem utilizadas a sutileza e poucos elementos. Ainda no início do filme, Fiona recebe uma carta de sua tia Martha. Apesar de não terem contato há bastante tempo, as duas são muito próximas e Fiona parte em socorro da tia que vive há vários anos sozinha em Paris. Ao chegar na cidade, Fiona descobre que sua tia desapareceu e se depara com uma série de fatos inusitados. No decorrer da trama, ela conhece Dom, que, apesar de estar na condição de morador de rua, é muito decidido e sedutor. Existe uma cena em que chegamos a duvidar dos valores de Dom, porém no desenrolar da história, percebemos que, apesar de egoísta, ele ainda segue algum código de conduta.

Em várias críticas do filme é enaltecido o fato dos diretores/atores terem forte componente burlesco e seguirem estilos de mestres consagrados como Charlie Chaplin, Buster Keaton, Max Linder e Jacques Tati. Assim, as cenas são simples, limpas, corporais e delicadas.

O cenário recorrente é Paris com a Torre Eiffel e as margens do Rio Sena. Daí decorre uma forte poesia em que momentos remetem a uma Paris romântica, surpreendentemente vazia e calma, ao mesmo tempo em que durante todo o filme a sensação de solidão é transmitida ao espectador. Afinal, são três personagens sozinhos, incompreendidos e perdidos em Paris. Embora o morador de rua não pareça perdido, mas sim pareça viver romanticamente bem em suas condições (maltrapilho, dormindo em uma barraca às margens do Sena), a todo tempo ele transmite uma autoconfiança e até mesmo egocentrismo, porém a sensação é de melancolia e solidão. Não é à toa que ele passa a seguir incansavelmente a protagonista Fiona.

Concluímos que a obra também aborda a questão do tratamento recebido pelos estrangeiros em Paris. A protagonista é canadense e vem à Cidade Luz apenas com uma mochila, que é perdida em uma cena, que apesar de pouco crível, é hilária. Ao perder sua mochila com todos os seus pertences, recorre à embaixada e a partir deste ponto, várias críticas sutis são feitas. O oficial da imigração solicita que Fiona retorne no dia seguinte com uma foto, apesar de ela relatar que não tem nenhum dinheiro nem documentos. A linguagem cênica deste momento nos transmite coisas impossíveis de serem reproduzidas com a linguagem literária. Os diretores conseguem nos transmitir a sensação de impotência e abandono que alguém sem dinheiro, documentos, roupas ou qualquer outra coisa possa estar experimentando nessa situação. Em troca, o oficial, sem nenhuma comoção aparente, entrega à ela um *voucher* para comida. Ao usar esse *voucher* é que Fiona conhece Dom em uma sequência cômica e improvável transformando esse conto em um agradável entretenimento.

A imagem parisiense pode ser retratada através dos champanhes usados como metáfora, aliás muito presente durante todo o filme. A bebida é explorada como algo que traz alento e até mesmo felicidade ainda que na falta de teto, roupas limpas e perspectivas. Embora grande parte do filme se passe em Paris, com todo o seu apelo turístico, poderia ser perfeitamente retratado em São Paulo ou em outra grande metrópole. A solidão, sensação de perda e falta de lugar no espaço urbano são recorrentes em grandes cidades, principalmente naquelas que ostentam grande custo de vida. Esse “não lugar”, que ao mesmo tempo é um espaço que, mesmo contrariamente, recebe pessoas de várias partes do globo, é bem explorado no filme.

Outro fato notório aos grandes centros urbanos é o envelhecimento da população e as saídas que são encontradas para tal. A trama principal do filme conecta-se ao fato de Martha, uma mulher idosa, sen-

tir-se ameaçada de ser retirada de seu apartamento, em que vive sozinha, e ser levada à força para residir em um asilo. Em uma cena engraçada e já nem tanto sutil, é passada a ideia de que Martha realmente já apresenta uma certa “falta de atenção” em tarefas mecânicas. Essa ideia é passada em uma cena em que a personagem confunde a lixeira com uma caixa do correio. Em outras cenas, Martha é lúcida e sagaz. Já mais ao final do filme, é retratado novamente em linguagem poética a dificuldade de entrosamento da personagem com a realidade, caracterizando uma certa senilidade. No filme também é retratado de forma curiosa um cachorro abandonado que disputa o abrigo na barraca, lar de Dom. Embora o animal esteja perdido e também sem lugar naquele espaço, ele aparenta estar em muito melhores condições que os personagens humanos. Enquanto o cão parece estar com a pelagem preservada e aparência de bem tratado, os humanos já não passam uma impressão tão boa. Um dos muitos momentos mágicos do filme é a cena em que apenas os pés de dois personagens aparecem fazendo uma coreografia. Eles estão idosos, um deles está em uma clínica de repouso e o outro perdido e solitário. Enquanto dançam apenas com os pés, é passada a sensação mágica de que tudo está sob controle e de que a vida urbana pode ser linda e feliz, mesmo em condições como aquelas. Em vários momentos é sentida essa ilusão, graças à linguagem extraordinária que os diretores (que também atuam no filme) souberam aplicar de maneira extremamente crível. Desta forma, em alguns momentos, é possível sentir-se dentro de uma verdadeira fábula, na qual, mesmo sob ameaças concretas em uma cidade grande e implacável, podemos nos sentir seguros e, ao mesmo tempo, temos a sensação de que o espaço urbano é um lugar inóspito em que poucos se preocupam com poucos.

A cidade mostra-se um “não lugar” para os excluídos do mercado de consumo, para os idosos e para os que não seguem as aparências ditadas por ela. A

ingenuidade e a pureza atribuída aos protagonistas, incluindo um vizinho de Martha, são tocantes. De um lado, temos uma cidade linda, cara, cheia de formalidades e códigos de conduta; de outro, temos pessoas puras, ingênuas e com dificuldade de encontrar um lugar neste espaço caótico. Já ao final da exibição, a forma como a morte da personagem Martha é retratada é de tamanha naturalidade que esta escritora chegou a duvidar que ela realmente tivesse falecido. A simplicidade do diálogo final entre os protagonistas nos faz pensar que na vida real complicamos demais nosso cotidiano, botando nele a necessidade de controlar cada elemento do futuro. A vida nas cidades costuma ser pouco amável às massas e sua pequena parcela de previsibilidade futura nem sempre encoraja permanecer na luta. Além de nos proporcionar tantas reflexões, *Perdidos em Paris* é um filme em que a delicadeza e a poesia imperam e, de repente, ao término, você se percebe com uma genuína vontade de chorar, sem poder explicar essa sensação com palavras. ■

Perdidos em Paris

(título original: *Paris pieds nus*)

Direção: Fiona Gordon, Dominique Abel.

Produção: Dominique Abel, Fiona Gordon, Charles Gillibert, Christie Molia.

Intérpretes: Fiona Gordon, Dominique Abel, Emmanuelle Riva, Céline Laurentie, Emmy Boissard Paumelle, Pierre Richard.

Fotografia: Claire Childeric, Jean-Christophe Leforestier.

FRANÇA, BÉLGICA: 2016

Distribuição no Brasil: Pandora

Duração: 83 min.